

HUNGRIA: ISTVAN KAPITANY PODE TER SUCESSO ONDE GEORGE SOROS FALHOU

Em crise energética, a Hungria enfrenta riscos de soberania; o partido Tisza, assessorado por um ex-executivo da Shell, planeja uma desrussificação que pode triplicar os custos e subordinar o país ao globalismo; o governo Orbán alerta para suicídio econômico e perda de controle nacional.

Andrew Korybko*

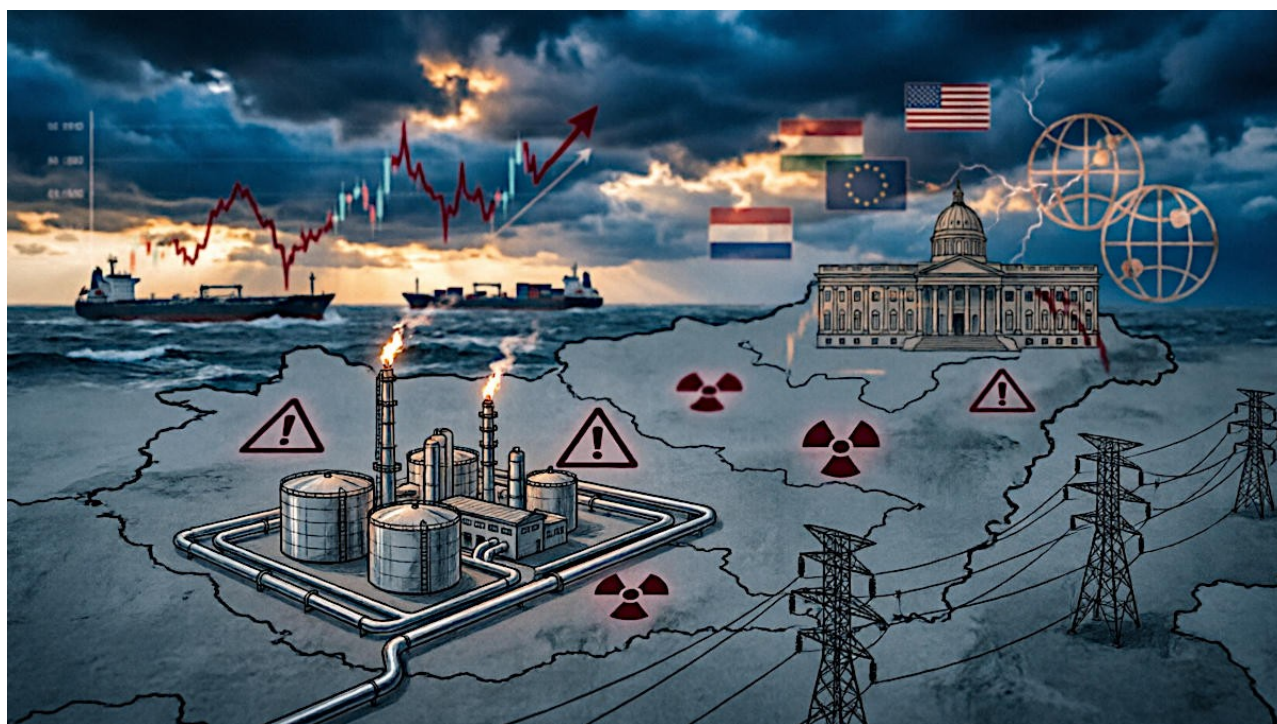


Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A [Terceira Guerra do Golfo](#) já dura quase um mês e a crise energética global está apenas começando. A interrupção das exportações regionais e a destruição da infraestrutura energética já levaram a aumentos de preços que devem piorar ainda mais à medida em que as reservas estratégicas se esgotam. Indústrias de alto consumo de energia podem reduzir a produção, medidas de economia de combustível, como a redução da semana letiva, podem ser adotadas, e o racionamento não pode ser descartado. Nessas condições, o acesso confiável a energia a preços acessíveis é uma prioridade de segurança nacional.

O partido de oposição húngaro Tisza, que deve representar uma forte concorrência para o Fidesz, partido governista de Viktor Orbán, nas eleições parlamentares do próximo mês, fez da desrussificação do setor energético um ponto central de sua plataforma. Isso se mantém apesar da crise energética global, devido à influência de seus [patrocinadores europeus e ucranianos](#).

Mesmo que abandonem essa política ou anunciem seu adiamento, o que é possível dada a sua impopularidade atual, há bons motivos para não acreditar neles.

Em janeiro, foi anunciado que Istvan Kapitany, ex-vice-presidente de Mobilidade da Shell até 2024, se juntaria ao Tisza como seu principal conselheiro econômico. A revista local [Mandiner](#) noticiou que a Shell obteve lucros recordes durante o [conflito ucraniano](#), variando de US\$ 5 a 20 bilhões a mais por ano desde 2022 em comparação com 2021. Acredita-se que ele ainda possua muitas ações, o que contextualiza o motivo pelo qual reafirmou a política de desrussificação energética do Tisza em sua primeira entrevista naquele mês.

Ele foi nomeado justamente para implementar essa política, principalmente por meio de sua vasta rede de contatos na indústria, cultivada durante seus quase 40 anos de carreira na Shell. Portanto, não deve haver dúvidas de que o Tisza realmente deseja alcançar esse objetivo, mesmo que mude seu discurso para fins eleitorais. O ministro das Relações Exteriores, Peter Szijjarto, alertou, após a entrevista de Kapitany, que os custos de energia elétrica para as famílias triplicariam e a produção industrial poderia despencar, levando a um suicídio econômico.

Kapitany lucraria com esse cenário, daí seu interesse em que isso acontecesse, e sua antiga empregadora, a Shell, obteria o controle *de facto* da empresa nacional de energia MOL, com consequências desastrosas para a soberania nacional da Hungria, conquistada com muito esforço durante a era Orbán. Esse é o resultado inevitável de cortar voluntariamente o acesso da Hungria à energia russa confiável e acessível em meio a uma crise econômica crescente, com um ex-executivo estrangeiro do setor energético liderando sua política econômica.

Na prática, Kapitany está prestes a se tornar o cardeal cinzento da Hungria se o Tisza formar o próximo governo, e suas questionáveis alianças estrangeiras equivaleriam a ele ter sucesso onde seu compatriota George Soros falhou: subordinar o país ao globalismo. Além das consequências desastrosas para a economia e a soberania nacional, a segurança húngara também seria afetada negativamente, já que se espera que o país arme a Ucrânia se Orbán for deposto, tornando-se assim um aliado contra a Rússia.

Com isso em mente, os observadores não devem duvidar de que o Tisza de fato desrussificará a indústria energética húngara caso vença, independentemente de sua retórica sobre o assunto mudar em meio à crise energética global, e as consequências em cascata dessa medida subordinariam seu país ao globalismo, como explicado. A nomeação de Kapitany é, por si só, uma prova de suas intenções, e ele próprio está profundamente inserido no sistema globalista, de modo a implementar esse plano com relativa facilidade, em detrimento dos interesses da Hungria.

**Andrew Korybko é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
